

Outros querem saída política

Entre os economistas considerados heterodoxos, as propostas para enfrentar a crise não convergem unanimemente. O ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira talvez seja o



mais taxativo, ao propor um choque imediatamente: congelamento de preços e salários, choque fiscal generalizado com cortes de todos os subsídios, menos à exportação e corte de 40% na dívida externa, para forçar os credores a procurar o Brasil e aceitar outro tipo de renegociação do que aquela empreendida por Mailson da Nóbrega.

A tese de Bresser não é encampada pelos economistas do principal reduto da heterodoxia, a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Seu reitor, economista Paulo Renato Costa Souza, apóia o ministro da Fazenda e considera que, nas atuais circunstâncias, "ele está fazendo o melhor possível". Paulo Renato espera que a política do feijão com arroz possa

ser mantida até a troca de presidente da República, pois nenhum outro ministro teria condições de fazer algo diferente. "Na realidade, a inflação nunca foi prioridade desse governo", afirma Paulo Renato, salientando que os planos Cruzado e Bresser provaram à exaustão que "não bastam bons economistas" para atacar o problema. Assim, cabe aos defensores da democracia explicitar os obstáculos ao combate à inflação, que provêm basicamente dos compromissos políticos em que se enredou o governo Sarney e que tornaram o País ingovernável. "A responsabilidade da oposição é portanto muito grande e temo que os conservadores ganhem as eleições e perpetuem o atual estado de coisas se os partidos progressistas não souberem cumprir seu papel a contento", declara o reitor.

Isso significa que, a curto prazo, não se deve pensar em nenhum plano de estabilização, pois ele teria vida mais curta que os anteriores, a não ser que fosse acompanhado de uma ampla mobilização social para sustentá-lo. "Ou sai

um pacto entre empresários e trabalhadores, que o imporão ao governo, o que parece difícil, ou corremos o risco da volta do autoritarismo. Prefiro então ficar com o feijão com arroz", conclui o reitor, cujo raciocínio não encontra eco nas palavras de João Manuel Cardoso de Mello, um dos pais do Cruzado: "Temos de esquecer o curto prazo e pensar as questões mais amplas de desenvolvimento. Precisamos hoje de grandes reformas, fiscal, financeira para superar essa crise. Se não o fizermos, os conservadores o farão. Mas é óbvio que não sairemos da crise mantendo os atuais padrões de articulação política endeusados pelas elites. Estamos estagnados há dez anos e não encontraremos uma inserção adequada na economia mundial a continuar assim. Estou otimista porque essa crise encurta o raio de manobra e desmistifica a terapia dos conservadores. Mas temo a volta dos militares, porque nesses momentos eles se preocupam em preservar a integridade da nação", analisou João Manuel, saudoso da campanha pelas diretas-já e do Cruzado.